



**GT- ESPECIAL**

**ISSN 2177-3688**

**ESTUDOS DE GÊNERO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DE ARTIGOS INDEXADOS NA BRAPCI**

**GENDER STUDIES IN INFORMATION SCIENCE: BIBLIOMETRIC ANALYSIS OF ARTICLES INDEXED IN BRAPCI**

**Caroline da Silva Marinho** - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**Anna Raquel de Lemos Viana** - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante** - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Raimunda Tamires da Silva** - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**Izabel França de Lima** - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** A Ciência da Informação, como campo de estudo que investiga os processos de produção, organização, recuperação e uso da informação, tem sido palco para o desenvolvimento de pesquisas que abordam questões relacionadas ao gênero. A compreensão das dinâmicas de gênero e a análise de seu impacto na produção e disseminação da informação são cruciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Diante disso, buscou-se examinar os trabalhos relacionados ao tema de gênero na Ciência da Informação, utilizando a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) como fonte de pesquisa. Trata-se de uma pesquisa descritiva e bibliográfica que recuperou, na BRAPCI, 232 itens com o termo gênero em títulos ou palavras-chave. Através da análise dos dados foi possível observar: a crescente importância dada ao tema a partir de 2017, refletido no maior crescimento do quantitativo de artigos desde então; a atuação pioneira da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde e da pesquisadora CÔRTEZ, Gisele Rocha, líderes no quantitativo de estudos sobre o tema; as redes de coautoria formada pelas(os) pesquisadoras do tema, com destaque aos *clusters* formado pelos pesquisadores CÔRTEZ, Gisele Rocha, SANTANA, Sergio Rodrigues e MARTINEZ-AVILA, Daniel como atores dominantes na rede e às palavras-chave Gênero, Ciência da Informação, Estudo de Gênero, Comunicação, Biblioteconomia que sobressaíram-se por serem as mais frequentes nos estudos recuperados.

**Palavras-chave:** Gênero; Estudos de gênero; Ciência da Informação; BRAPCI.

**Abstract:** Information Science, as a field of study that investigates the processes of information production, organization, retrieval, and use, has provided a platform for the development of research addressing gender-related issues. Understanding gender dynamics and analyzing their impact on information production and dissemination are crucial for building a more inclusive and equitable society. In light of this, we sought to examine works related to the gender theme in Information Science, using the Information Science Database (BRAPCI) as a research source. This descriptive and bibliographic study retrieved 232 items from BRAPCI with the term "gender" in titles or keywords. Through data analysis, it was possible to observe: the growing importance given to the theme since 2017, reflected in the increasing number of articles since then; the pioneering role of the Electronic Journal of Communication, Information, and Innovation in Health and researcher Gisele Rocha

CÔRTEZ, as leaders in the quantity of studies on the topic; the co-authorship networks formed by researchers in the field, with emphasis on clusters formed by researchers Gisele Rocha CÔRTEZ, Sergio Rodrigues SANTANA, and Daniel MARTINEZ-AVILA as dominant actors in the network; and the keywords "Gender," "Information Science," "Gender Study," "Communication," and "Library Science" standing out as the most frequent in the retrieved studies.

**Keywords:** Gender; Gender Studies; Information Science; BRAPCI.

## **1 INTRODUÇÃO**

A Ciência da Informação (CI), como campo de estudo que investiga os processos de produção, organização, recuperação e uso da informação, tem sido palco para o desenvolvimento de pesquisas que abordam questões relacionadas ao gênero. A compreensão das dinâmicas de gênero e a análise de seu impacto na produção e disseminação da informação são cruciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Diante desse contexto, surge o questionamento sobre como os estudos de gênero têm se desenvolvido na Ciência da Informação. Com o objetivo de analisar a evolução e a abrangência desses estudos, esta pesquisa se propõe a examinar os trabalhos relacionados ao tema de gênero na Ciência da Informação, utilizando a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) como fonte de pesquisa.

A BRAPCI, reconhecida como uma notável fonte de informação na área da Ciência da Informação, oferece um amplo acervo de artigos científicos, dissertações, teses e outros documentos relevantes, “contribuindo para estudos analíticos e descritivos sobre a produção editorial de uma área em desenvolvimento, ao subsidiar com uma ferramenta dinâmica estudantes, professores e pesquisadores não somente da área de CI, mas também de outras a ela relacionadas” (Bufrem; Costa; Gabriel Júnior; Pinto, 2010).

Ao analisar os estudos de gênero em Ciência da Informação indexados na BRAPCI, espera-se contribuir para o fortalecimento e o avanço dessa temática na área, fornecendo subsídios para a promoção de um debate mais amplo e inclusivo. A compreensão desses estudos é fundamental para o desenvolvimento de estratégias que promovam a igualdade de gênero na produção e disseminação da informação, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e equitativa.

## **2 GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

O conceito de gênero não deve ser entendido simplesmente como sinônimo de sexo biológico, mas sim como uma construção social que envolve normas, papéis, comportamentos e expectativas atribuídas às pessoas com base em sua identidade de gênero (Sott, 1990). A autora argumenta que o gênero é um sistema de relações de poder que molda as experiências individuais e coletivas, influenciando como homens e mulheres são percebidos, tratados e valorizados na sociedade.

Portanto, compreender o gênero envolve analisar não apenas as diferenças biológicas entre os sexos, mas também os sistemas de significado culturalmente construídos que atribuem valor e poder diferenciados a homens e mulheres. Joan Scott (1990) enfatiza a relevância de examinar as normas de gênero e as práticas sociais que perpetuam desigualdades e hierarquias.

Além disso, a autora menciona a importância de adotar uma perspectiva histórica para entender o gênero. Ela argumenta que as ideias sobre o que é considerado "adequado" ou "normal" para homens e mulheres são moldadas por contextos históricos e culturais específicos, e que essas ideias estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo. Portanto, a análise de gênero deve considerar a dimensão histórica e os processos de construção social que moldam as concepções de masculinidade e feminilidade.

Joan Scott (1990) destaca, também, o significativo papel do pensamento crítico e da contestação das normas de gênero existentes, argumentando que desafiar as normas tradicionais é fundamental para promover a igualdade e a justiça de gênero, bem como para possibilitar a liberdade individual e a expressão plena das identidades de gênero. A autora propõe uma abordagem teórica complexa e crítica para o entendimento da temática, enfatizando a natureza construída e socialmente influenciada das identidades e relações de gênero.

Dessa forma, é possível perceber que os estudos sobre gênero têm início tentando compreender as diferenças entre ser homem e ser mulher, tendo como ponto de partida a diferenciação biológica. No entanto, estes estudos agora têm levado em consideração a socialização, a cultura e a sexualidade, apresentando-se como indicadores que ajudam no entendimento das diferenças biológicas em uma convivência permeada por relações de poder (Santos; Freire, 2019).

Assim, segundo Raimundo Santos e Isa Freire (2019), os debates sobre o tema passam a colaborar para o entendimento da sexualidade humana e da diversidade sexual,

em que incluem outras perspectivas, como a cultura, o desejo, as emoções, a identidade e a prática sexual. Logo, não é possível desassociar gênero de outras questões políticas, sociais e culturais, como a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a religião, dentre outros (Butler, 2003).

Maria del Carmen Palmer (2009), analisa, em seu livro *“Becoming a Librarian: Gendered Expectations and the Workplace Experience”*, a História da Ciência da Informação e observa que existe uma tendência de masculinização, com uma predominância de nomes masculinos que são facilmente lembrados em comparação aos poucos nomes femininos, muitas vezes negligenciados em relação à sua importância histórica, estes fatores corrobora com as barreiras e desafios enfrentados pelas pessoas que fogem ao padrão “homem, branco e hétero” na sociedade pós-moderna.

Diante dessa realidade, torna-se imprescindível uma abordagem que reconheça e valorize o protagonismo de mulheres e da comunidade LGBTQIAP+ na construção da Ciência da Informação por meio dos estudos de gênero. Essa perspectiva possibilita uma reavaliação do papel destes sujeitos na história da CI e ressignifica sua contribuição para o campo. Além disso, os estudos de gênero oferecem um arcabouço teórico que permite analisar de forma crítica os atributos, papéis e expectativas historicamente associados a homens e mulheres, especialmente no que se refere às normas de gênero atribuídas a espaços considerados “masculinos” e “femininos”. Com isso, é possível explorar as diversas potencialidades dessa categoria de análise e ampliar a compreensão da CI sob uma ótica mais inclusiva e equitativa.

Embora se possa encontrar pesquisas que abordam questões de gênero na Biblioteconomia e Ciência da Informação anteriores aos anos 2000, foi somente a partir dessa década que houve um aumento significativo nas publicações sobre o tema. Patrícia Espírito Santo (2008), por sua vez, ressalta serem poucos os autores que demonstram interesse por essa temática, apesar de ser evidente que todos os estudos relacionados à informação têm implicações de gênero e vice-versa.

César Castro (2000) salienta que, em 1938, existia grande interesse dos EUA na Biblioteconomia latino-americana, devido à expansão desse curso. A custo de muita resistência e práticas conservadoras predominantes nas entrelinhas dessa Sociedade, as Mulheres começam a ingressar nas Universidades, tratando especificamente dos cursos de Biblioteconomia, como o caso da Lydia de Queiroz Sambaquy. Mesmo os espaços acadêmicos sendo ocupados por mulheres, suas produções científicas não atingiam níveis de

institucionalização social, pois, os estudos realizados por mulheres não eram validados pelos pares, e é quase que escasso as produções de homens com figuras femininas referentes às publicações mais antigas da Biblioteconomia.

Alan Touraine (2006, p. 214), por sua vez, traz a seguinte perspectiva:

[...] a transformação das mulheres em atores principais da construção de um novo modelo cultural (...) o movimento adquire então uma força crescente e impõe reformas importantes que podemos adotar uma visão equilibrada a respeito da situação das mulheres, ainda submetidas a desigualdades, mas tendo conquistado direitos e os meios de gerir livremente muitos aspectos de sua vida, e particularmente, os usos de seu corpo.

Contudo, refletindo com base no processo de consolidação da Ciência da Informação enquanto área do conhecimento, é possível observar pouca ênfase relacionada aos feitos das mulheres no processo de institucionalização da área, como afirmam Andréia Silva e Camila Burin (2018):

Debater e levantar discussões sobre o protagonismo da mulher na Biblioteconomia, assim como em toda a área da Ciência da Informação, é significativo no que tange às suas ações e contribuições. Permite a reflexão quando se trata de uma área predominantemente feminina e que por conta da história da sua constituição e das relações de gêneros estabelecidas, fortaleceu o preconceito contra a mulher e suas competências. Percebemos isso quando vemos estudos dando destaque a profissionais como Rubens Borba de Moraes e Edson Nery da Fonseca como se apenas esses tivessem contribuído para a Biblioteconomia brasileira (Silva; Burin, 2018, p. 228).

Esse debate sobre gênero, proposto por Andréia Silva e Camila Burin (2018), muitas vezes é inviabilizado por outras pautas prioritárias da academia que se sobrepõem às estas questões na Ciência da Informação. Guacira Louro (2003) afirma que a distinção sexual ainda é causa das desigualdades sociais, mas que se faz necessário

[...] demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (Louro, 2003, p. 21).

Partindo do entendimento da Ciência da Informação enquanto saber científico, interdisciplinar ou multidisciplinar, considerando a gênese da sua natureza e seu objeto de estudo consegue-se compreender que essa Ciência nasce com a incumbência de analisar os problemas postos na Sociedade da Informação, a partir da proporção que as informações

podem tomar ao serem disseminadas e processadas por grupos sociais. A vista disso, é fundamental que a academia tenha uma sensibilidade maior para tratar as questões de gênero na área da Ciência da Informação.

A intersecção entre gênero e Ciência da Informação oferece uma base teórica e metodológica para a investigação crítica das relações de gênero na produção, organização e acesso à informação, permitindo uma análise aprofundada das questões de equidade, inclusão e justiça de gênero no campo da informação. Além disso, a Ciência da Informação também pode contribuir para a compreensão dos processos de construção e representação de identidades de gênero, bem como para o estudo das dinâmicas de poder presentes nas estruturas e sistemas informacionais.

É sempre um debate construído a muito custo, sobre tensões impostas pelas diretrizes acadêmicas, que devem ser consideradas no processo de estudos científicos. É preciso considerar que todas essas orientações e condutas replicadas na produção científica são vertentes consideradas válidas pelo sistema patriarcal, que prevalece sobre a forma de pensar e agir tanto em âmbito acadêmico como nas relações pessoais do indivíduo.

### **3 METODOLOGIA**

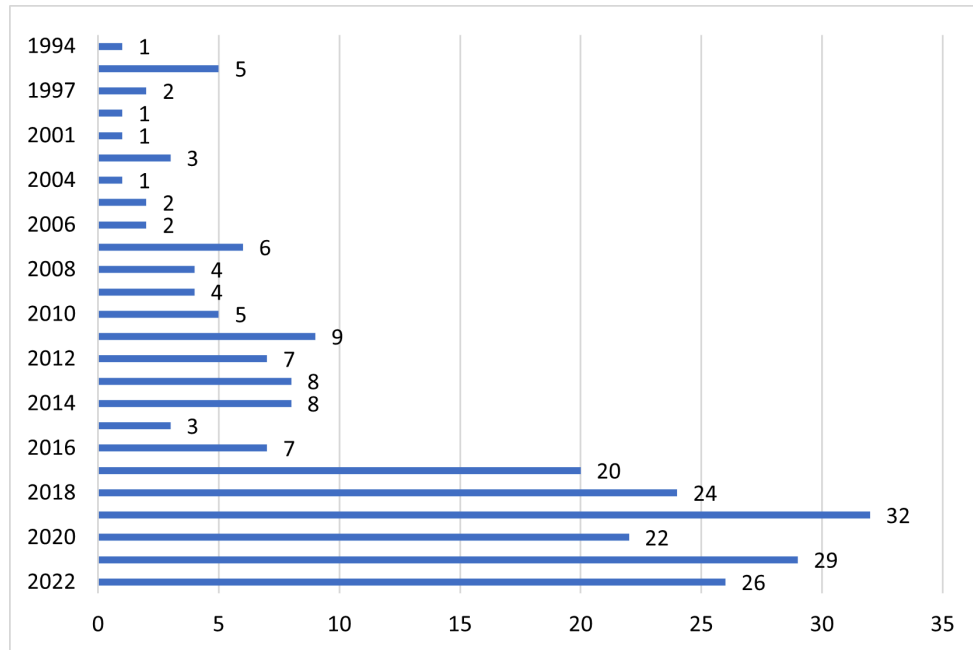
Quanto aos fins, a presente pesquisa caracteriza-se como descritiva por expor as características da produção científica sobre gênero em acesso aberto indexadas pela Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) no período entre 1994 a 2022 com intuito de obter maior cobertura na identificação da produção científica, além de verificar a atualidade. Quanto aos meios, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, por ser um estudo sistematizado desenvolvido com o material publicado em periódicos científicos.

Como técnica de coleta de dados, em 04 de junho de 2023, na BRAPCI, buscou-se o termo “gênero” escolhendo a opção “títulos” e “palavras-chave” disponibilizada pela plataforma. No pré-processamento dos dados, foi possível observar objetos em duplicidade que foram excluídos, assim como, artigos não relacionados à temática que foram recuperados na busca, resultando em 232 itens analisados na próxima seção.

### **4 RESULTADOS**

As produções científicas encontradas perfazem a série histórica entre 1994 e 2022, numa média geral de 08 artigos por ano, com distribuição de frequência apresentada no gráfico 01.

**Gráfico 01** – Distribuição de frequência das publicações sobre estudos de gênero extraídas da BRAPCI



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Observa-se que as produções do período entre 1994 e 2006 da série histórica avaliada ocorreram de maneira incipiente, numa média de 01 artigo por ano (bem inferior à média geral encontrada); destacando-se o ano de 1996 com 5 produções. Percebe-se, então, que os estudos de gênero começaram a aparecer nas discussões acadêmicas científicas da área da CI ainda nos anos 1990, corroborando com Céli Regina Pinto (2003) quando afirma que as discussões sobre gênero começaram a surgir no contexto político brasileiro na década de 1990 e uma das principais pautas da sociedade civil na época eram os direitos das mulheres, resultando no impacto nas publicações científicas.

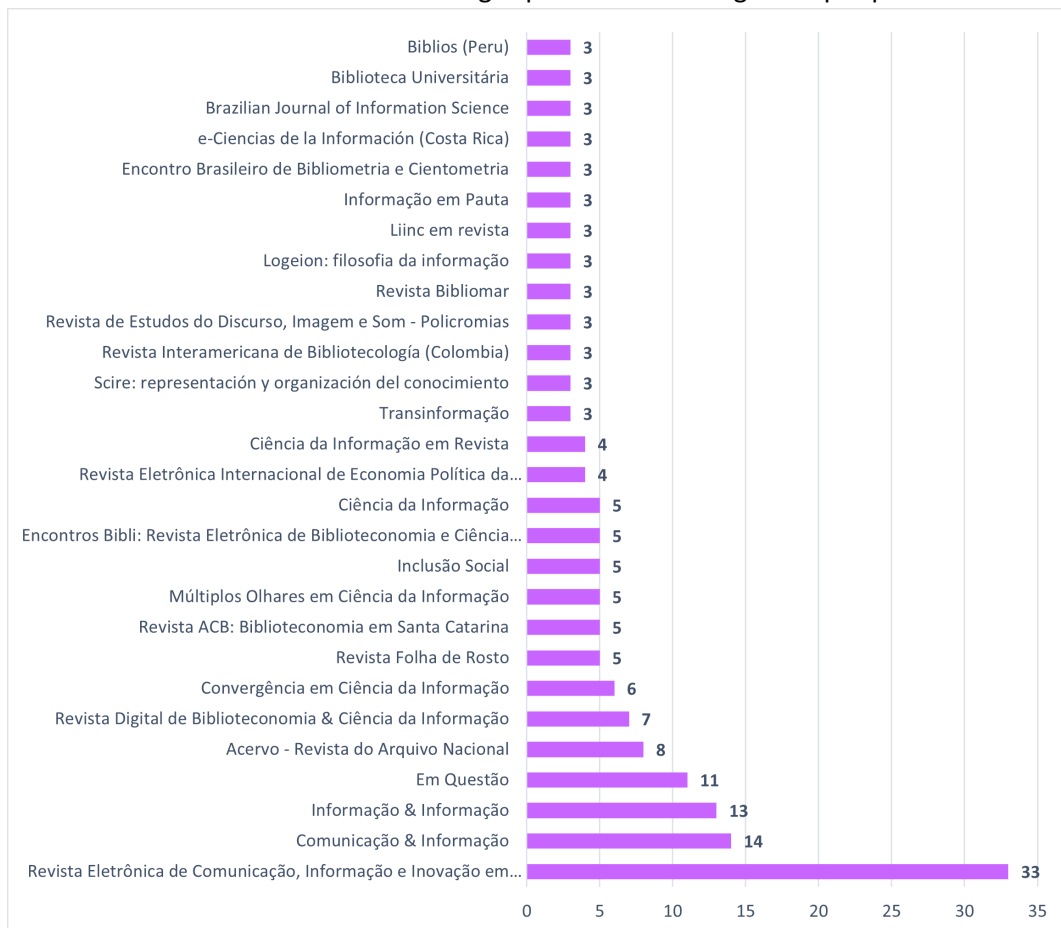
Entre os anos de 2007 e 2016, percebe-se maior crescimento das produções científicas relacionadas à temática, sendo a primeira série histórica sem registros de anos com ausência de publicações. Neste período, a média é de 06 publicações por ano, número próximo a média geral encontrada. Destaca-se o ano de 2011 com maior frequência de publicações (09).

Por fim, o período entre 2017 e 2022 apresenta a maior concentração de publicações da série histórica, numa média de 25 publicações por ano, sendo o triplo da média geral encontrada e ultrapassando o triplo do período anterior. Todos os anos do período

apresentam número igual ou superior a 20 publicações por ano, com destaque para o ano de 2019, com 32 publicações, seguido pelos anos de 2021 (29) e 2022 (26). Este resultado reflete, conforme Daiana Dias (2014), o forte investimento discursivo nos últimos anos da sociedade civil, política e acadêmica em torno de temáticas como equidade de gênero, sexualidades, feminilidades, masculinidades, direitos LGBTQIAP+, relações de gênero no campo escolar, entre outros temas relacionados aos estudos de gênero.

Os periódicos que apresentaram maior frequência de estudos de gênero encontram-se representados no gráfico 02, destacando-se: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (33 publicações), Comunicação & Informação (14), Informação & Informação (13) e Em Questão (11).

**Gráfico 02 – Quantitativo de artigos publicados sobre gênero por periódico**

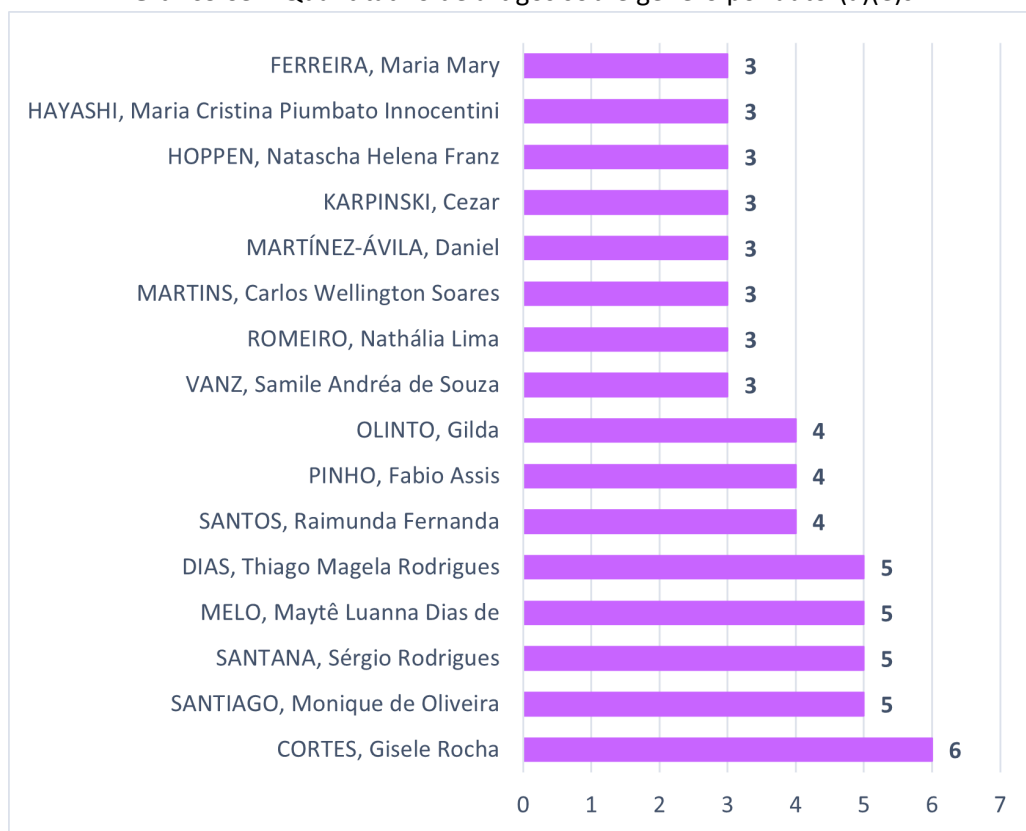


**Fonte:** Dados da pesquisa (2023).

Ressalta-se, pois, a relevância da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde na publicização dos estudos de gênero na área de Ciência da Informação, apresentando mais do que o dobro de publicações do segundo periódico com maior frequência de estudos.

Quando se trata dos autores com maior frequência de publicações, representados pelo gráfico 03, é possível observar a presença de dezesseis pesquisadores(as), dos quais, 62,5% são mulheres e 37,5% são homens. As mulheres são, portanto, a maioria dos que mais publicam sobre gênero. Contudo, é importante mencionar que o uso da categoria “sexo” é baseado nos atributos biológicos sugeridos pelo nome dos autores(as), o que invisibiliza outras possibilidades de identificação engendradas, como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e outros (LGBTQIAP+); esses dados apontam, pois, a forma restrita de identificação do sistema sexo/gênero disponível nas bases de dados dos periódicos.

**Gráfico 03 –** Quantitativo de artigos sobre gênero por autor(a)(e)s

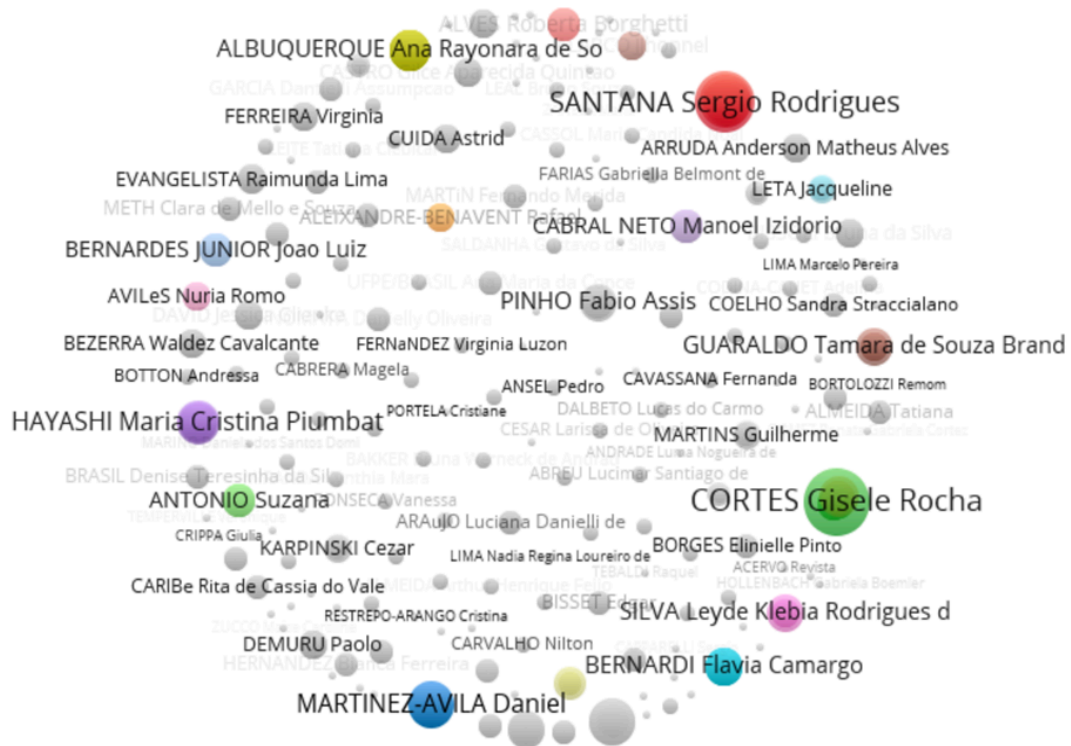


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

CÔRTEZ, Gisele Rocha é a pesquisadora com maior número de publicações sobre a temática (06), seguida pelos pesquisadores: SANTIAGO, Monique de Oliveira (05); SANTANA, Sérgio Rodrigues; MELO, Maytê Luanna Dias e DIAS, Thiago Magela Rodrigues, todos com 05 produções cada.

No grafo 01, apresenta-se a rede geral de coautoria obtida para o grupo em análise. Foram identificadas **179** coautorias diferentes pertencentes a **431** pesquisadores. Observa-se pela rede geral de coautoria como é dada a distribuição da produção científica, a formação de grandes e pequenos grupos representados por *clusters* e as associações feitas entre eles.

**Grafo 01** – Rede de coautoria das publicações sobre estudos de gênero extraídas da BRAPCI.

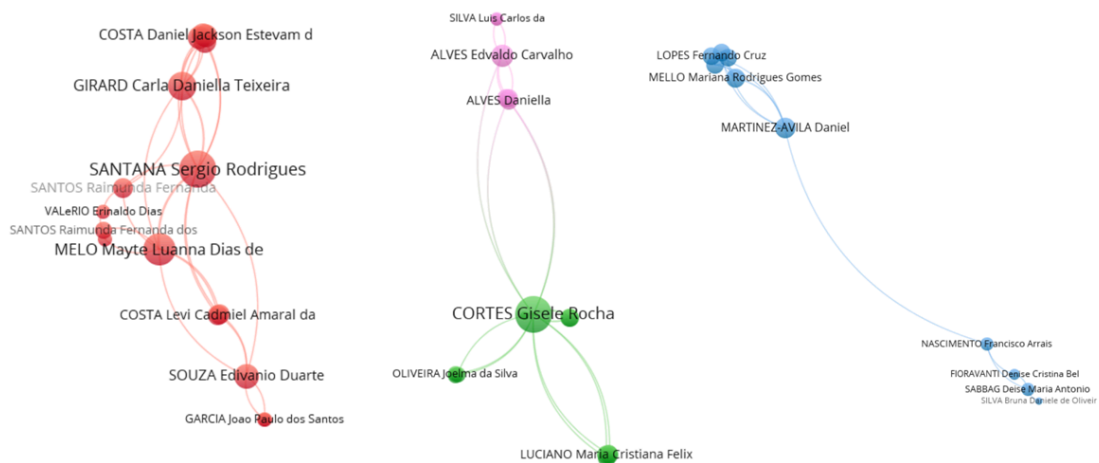


**Fonte:** Dados da pesquisa (2023).

Nota-se que, no grafo, existem diversos subgrupos (agrupamentos de nós bem próximos um do outro) de atores que formam *clusters*. É possível observar que os atores desses subgrupos tendem a colaborar mais entre si. Conforme Linton Freeman (1996), a centralidade de grau mostra a posição e a função do nodo em termos de popularidade e atividade, ou seja, nodos que obtêm alto grau de centralidade podem ser identificados como líderes na rede. Assim, destacam-se como atores dominantes da rede SANTANA, Sergio Rodrigues; CORTÊS, Gisele Rocha e MARTINEZ-AVILA, Daniel. No grafo 02 é possível observar com mais detalhes as relações desses atores na rede.

**Grafo 02** – Principais *clusters* da rede de coautoria das publicações sobre estudos de gênero extraídas da BRAPCI.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB  
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A centralidade de grau indica que esses são os pesquisadores que mais colaboraram na rede, publicando conjuntamente com outros atores. Essa medida leva em conta o número de coautores que colaboraram com um determinado autor, assim como o pesquisador com maior número de produções. Assim, o tamanho dos nomes e nós dos pesquisadores é medido pela quantidade de publicações e o número de arestas é medido pela quantidade de coautorias. Verificou-se que o *cluster* 01, cujo nó central é o autor SANTANA, Sergio Rodrigues, é composto por 16 atores da rede; o *cluster* 02, cujo nó central é a autora CÔRTEES, Gisele Rocha, é composto por 11 atores da rede e o *cluster* 03, cujo nó central é o autor MARTINEZ-AVILA, Daniel, é composto por 10 atores da rede.

De acordo com Linton Freeman (1996) um pesquisador com muitas coautorias é, portanto, alguém com maior contribuição científica na rede de pesquisadores em que atua, isto é, esses atores dominantes por terem maiores quantitativos de produção, impactam significativamente no número de relações e na dimensão dos subgrupos observados.

Com relação aos temas mais frequentes debatidos nos estudos de gênero, foram analisadas as palavras-chave dos artigos selecionados. Foram encontradas 544 palavras-chave distintas, sendo as mais frequentes representadas na figura 01.

**Figura 01** – Principais palavras-chave das publicações sobre estudos de gênero extraídas da BRAPCI



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As frequências das principais palavras-chave foram: Gênero (90 repetições), Ciência da Informação (43), indicando que a própria área de estudo está sendo abordada no contexto dos estudos de gênero. Essa frequência revela a relevância de investigar como as questões de gênero se entrelaçam nas práticas, teorias e metodologias da Ciência da Informação, visando uma reflexão crítica sobre as estruturas e sistemas informacionais.

Estudo de Gênero (25 repetições), isso indica que os pesquisadores estão dedicando atenção específica à análise das dimensões de gênero e suas implicações nos processos informacionais. Comunicação (18), Biblioteconomia (18), Sexualidade (17), Feminismo (15), Mulheres (13), Bibliometria (13), Relação de gênero (10) e Produção Científica (10). Foi possível, assim, caracterizar os estudos sobre gênero indexados pela BRAPCI.

Outras palavras-chave frequentes, como "Comunicação", "Biblioteconomia" e "Bibliometria", destacam a relação entre gênero e diferentes áreas da Ciência da Informação. Essas palavras-chave sugerem que os estudos de gênero abrangem não apenas aspectos teóricos, mas também práticos e metodológicos, relacionados à comunicação e à organização da informação.

Além disso, palavras-chave como "Sexualidade", "Feminismo", "Mulheres" e "Relação de gênero" revelam o interesse pelos aspectos específicos da experiência feminina e da diversidade sexual, bem como a análise das relações de poder e desigualdades de gênero. Essas palavras-chave evidenciam uma preocupação em abordar não apenas a dimensão conceitual, mas também as vivências e experiências concretas das mulheres e de outras identidades de gênero.

Por fim, a presença das palavras-chave "Produção Científica" e "Bibliometria" indica a preocupação em analisar a própria produção de conhecimento sobre gênero na Ciência da Informação. Essa reflexão sobre a produção científica nesse campo contribui para a construção de um corpo de conhecimento crítico, que busca superar possíveis vieses e desigualdades de gênero na pesquisa e nas publicações acadêmicas.

Em conjunto, as frequências das principais palavras-chave revelam um panorama abrangente dos estudos de gênero na Ciência da Informação indexados pela BRAPCI. Essa análise evidencia a diversidade de abordagens, tópicos e enfoques presentes nessa área, bem como a importância de se aprofundar nas questões de gênero para promover uma perspectiva mais inclusiva e igualitária na produção e disseminação da informação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste artigo, analisar os estudos de gênero em Ciência da Informação indexados na BRAPCI, tendo sido possível observar: a crescente importância dada ao tema a partir de 2017, refletido no maior crescimento do quantitativo de artigos desde então; a atuação pioneira da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde e da pesquisadora CÔRTEZ, Gisele Rocha, líderes no quantitativo de estudos sobre o tema; as redes de coautoria formada pelas(os) pesquisadoras do tema, com destaque aos *clusters* formado pelos pesquisadores CÔRTEZ, Gisele Rocha, SANTANA, Sergio Rodrigues e MARTINEZ-AVILA, Daniel como atores dominantes na rede e às palavras-chave Gênero, Ciência da Informação, Estudo de Gênero, Comunicação, Biblioteconomia que sobressaíram-se por serem as mais frequentes nos estudos recuperados.

A caracterização dos estudos de gênero possibilita a compreensão sobre a evolução dos estudos desenvolvidos na temática em Ciência da Informação. Para estudos futuros, sugere-se traçar o panorama histórico de tais estudos com base nas temáticas abordadas, métodos utilizados e resultados alcançados.

## REFERÊNCIAS

BUFREM, Leilah Santiago; COSTA, Francisco Daniel de Oliveira; GABRIEL JÚNIOR, Rene Faustino; PINTO, José Simão de Paula. Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/DHV9RQMtPKMrRRrdDMzMVvh/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 17 set. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, César. **História da Biblioteconomia brasileira** Brasília: Thesaurus, 2000.

DIAS, Daiana Nardino. **O estado da arte sobre gênero**. 2014. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6389/4744>. Acesso em: 03 jun. 2023.

FREEMAN, Linton C. Some antecedents of social network analysis. **Connections**, v. 19, n. 1, p. 39-42, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

PALMER, Maria del Carmen Simón. Becoming a Librarian: Gendered Expectations and the Workplace Experience. **Anales del Instituto de Estudios Madrileños**, Madrid, 2009.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, Paraná, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 maio 2023.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos; FREIRE, Isa Maria. Contextualizando gênero e diversidade sexual no campo da Ciência da Informação. **RACIn**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 22-48, jan./jun. 2019. Disponível em: [http://racin.arquivologiauepb.com.br/edicoes/v7\\_n1/racin\\_v7\\_n1\\_artigo02.pdf](http://racin.arquivologiauepb.com.br/edicoes/v7_n1/racin_v7_n1_artigo02.pdf). Acesso em: 15 set. 2023.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

SILVA, Andréia Sousa da; BURIN, Camila Koerich. A importância do letramento político: analisando o protagonismo das bibliotecárias à frente das entidades de classe. In: SILVA, Franciele Carneiro Garçês da; ROMEIRO, Nathalia Lima (Orgs.). **O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018.

TOURAINÉ, Alan. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.